histórias de fidalgotes e alcoviteiras pastores e judeus mareantes e outros tratantes sem esquecer suas mulheres e amantes

de

HELDER COSTA

sobre textos de

Gil Vicente e Angelo Beolco, o Ruzante

© HELDER COSTA
e
«Vozes na Luta» — Cooperativa de Acção Cultural, SCARL
Apartado 1298 — **Lisboa - 1**

2000 exemplares
Composto e impresso por:
Ramos, Afonso & Moita, Lda. — **Lisboa - 1**

Na capa:

A representação do «Auto da Índia», em Almada, perante a Rainha D. Leonor, em 1519.

Fotografias:

Carlos Gil

01102017704

histórias de fidalgotes e alcobiteiras pastores e judeus mareantes e outros tratantes sem esquecer suas mulheres e amantes

de

HELDER COSTA

sobre textos de

Gil Vicente e Angelo Beolco, o Ruzante

HISTÓRIAS DE FIDALGOTES E ALCOVITEIRAS, PASTORES E JUDEUS, MAREANTES E OUTROS TRATANTES SEM ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES

Esta versão foi estreada pela Cooperativa de Trabalhadores de Espectáculo «A Barraca» na sua sede, Centro de Cultura Popular de São Mamede, em 26 de Outubro de 1976 com o seguinte:

E L E N C O

(por ordem de entrada em cena)

CATALINA	ADELAIDE JOÃO
JOANNE	MANUEL MARCELINO
FERNANDO	ANÍBAL RODRIGUES
MADANELLA	FERNANDA LAPA
AFFONSO	JOSÉ MANUEL OSÓRIO
INEZ	MARIA DO CÉU GUERRA
ERMITÃO	RUI ANJOS
PERO MARQUES	ANTÓNIO ANJOS
ANNA DIAS	ADELAIDE JOÃO
ÇAPATEIRO	RUI ANJOS
ESCUDEIRO	JOSÉ MANUEL OSÓRIO
MOÇO	ANÍBAL RODRIGUES
PADRE	JOSÉ MANUEL OSÓRIO
CONSTANÇA	FERNANDA LAPA
MOÇA	MARIA DO CÉU GUERRA
CASTELHANO	RUI ANJOS
LEMOS	JOSÉ MANUEL OSÓRIO
MARIDO	MANUEL MARCELINO
RUZANTE	ANTÓNIO ANJOS
PORTUGUÊS	MANUEL MARCELINO
MENATO	RUI ANJOS
BETIA	MARIA DO CÉU GUERRA
HOMEM	ANÍBAL RODRIGUES
MISSA	TODO O ELENCO

e ainda cães, gatos, uma cama, uma nau, a Embaixada de D. Manuel ao Papa Leão X, Sua Excelência o Cardeal Cornaro, Tristão da Cunha e outros mais fidalgotes.

TEXTOS DE COLAGEM	
DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO	HELDER COSTA
ASSISTENTES DE ENCENAÇÃO	MARIA DO CÉU GUERRA
	ANTÓNIO ANJOS
CENOGRAFIA E	
GUARDA ROUPA	«A BARRACA»
	NUNO CARINHAS
	MYRIAM RATIVAU
COLABORAÇÃO MUSICAL	LUÍS PEDRO
LUZ E SOM	CARLOS GAMEIRO
CONTRA REGRA	MESTRE LIBERTINO
MESTRA DE GUARDA ROUPA	CARMEN PLOU

1.º ACTO

GOSTAS DE MIM? (1)

Cena aberta. Molhos de feno espalhados. Ouve-se a canção de Catalina. Depois de Catalina entrar, Joanne entra e esconde-se atrás dos molhos.

CATALINA — Tirae os olhos de mim, (*)
Minha vida e meu descanso,
Que me estaes namorando.
Os vossos olhos, senhora,
Senhora da formosura,
Por cada momento de hora
Dão mil annos de tristura:
Temo de não ter ventura.
Vida, não m'esteis olhando,
Que me estais namorando.

Joanne (*saltando sobre Catalina*) — Ah Catalina!

CATALINA — Joanne, vae fazer prol:
Que tens tu de ver comego?
Jesu! como me amofina!

JOANNE — Ja tu aqui es Catalina,
Com tua destempera?

CATALINA — Si: Ora vae-te aramá d'hi.

JOANNE — Alguem t'a ti empipina.

---

(1) Ver, em «ANEXOS», nos apontamentos de dramaturgia e encenação, todas as notas indicadas no texto.

(*) Do verso «Tirai os olhos de mim» até «Que me jejües os ramos», excerto do «Auto Pastoril Português», de Gil Vicente.

Todos os asteriscos indicam a colagem e a autoria dos respectivos textos.

CATALINA — Quem m'ha a mim d'empipinar?

JOANNE — Póde ser qu'alguem te engane.

CATALINA — Digo que te vas, Joanne,
Que não te quero escutar.
cuidas tu que sam menina?

JOANNE — E dei-t'eu a roca, Catalina,
E subi em cima da pereira,
E tu agora á derradeira
Jogas comego almolina!

JOANNE — Pardeos, forte birra he esta,
Que tomaste hoje comego!
Porqu'es ma dia entirrada?
Eu não quero de ti nada,
Senão abraçar como amiga.

CATALINA — Quem te désse hũa gran figa
Nos olhos bem pespegada!

JOANNE — He essa a tua saia nova?
Mostra ca a ver que lan tem.

CATALINA — Joanne!

JOANNE — Catalina!

JOANNE — Renego ora d'enha mãe,
Porque as lágrimas me sãe
O dia que te não vejo;

CATALINA — Choros maos chorem por ti:
Quem te manda a ti chorar?
Depois de Madalena e Margarida,
A mim queres desatinar?

JOANNE — Eu? Nem pensar!

CATALINA — Vai, vai, Joanne, bugiar
Não andes como alpavardo

JOANNE — Viste já o meu saio pardo?
Se m'o vês hás-de raivar,
Que m'está tão bem, tão bem...
Que demo é isto? dirás tu...

CATALINA — Oh como és parvo! Jesu!
Não falles ante ninguém.

JOANNE — Já que brigas e insistes
Em tanta parvoeira
P'ra não haver mais canseira
Melhor será que me vá.

CATALINA — E a mi que se me dá?

(*ouve-se, fora de cena, um grito a chamar por Joanne*)

CATALINA — Olha, o Fernando vem aí!

(*Entra Fernando, e diz*)

CATALINA — Venhas embora, Fernando!
Eu t'esperei á portella.

FERNANDO — Parece ca Madanella?

CATALINA — Spera que a andas buscando!
Ja me tu a mi entejaste?

JOANNE — Ah si, Catalina?

FERNANDO — Tu vas-te andar polos chavascais.

JOANNE — Ah si, Catalina?

CATALINA — Ora nó mais; Abonda que me leixaste.

JOANNE — Ah si, Catalina?

FERNANDO — Não diz pera hu foi Madanella.

CATALINA — Porque perguntas por ella?

MADANELLA (*de longe*)

Hai Catalina! Catalina!

FERNANDO — Aquella te he Madanella.

CATALINA — Hou!

FERNANDO — Pera ca vem ella.

JOANNE — Mui grande he minha mofina!
Olha ca pera ond'estou.

CATALINA — O' diabo que t'eu dou!

JOANNE — Amen que m'eu encommendo,
E não m'estarei moendo
Na caganeira em que estou.

Vem Madanella e diz:

MADANELLA — Affonso parece ca?
Eu não sei onde elle anda.

FERNANDO — Inda dura essa demanda?

MADANELLA — Inda dura e durará.

FERNANDO — Oh caiso mal comedido!
Ando eu por ti perdido,
E andas-me assoviando.

CATALINA — Queres tu do pão, Fernando?

FERNANDO — Estarei bem aviado,
E muito bem corrigido.

MADANELLA — Viste Affonso, Catalina?

CATALINA — Sabes tu onde elle s'ia?

FERNANDO — Não lh'o digas,

MADANELLA — Que porfia de Fernando e de mofina!

FERNANDO — Grande odio me tem.

JOANNE — E Catalina a mi tambem.

MADANELLA — Catalina, onde estava elle?

CATALINA — Ei-lo vem: não he elle aquelle?

JOANNE — Aquelle he elle, que alli vem.

Vem Affonso, e diz:

MADANELLA — Affonso, venhas embora.

O Ermitão pede que os pastores lhe dêem vida regalada

O Juiz da Beira ouve as queixas do Judeu

A alcoviteira finge que dorme

AFFONSO — Não vejo eu Inez aqui.

MADANELLA — Olha, olha para mi,
Que não sam feia ma ora.

AFFONSO — Viste-me Inez ca andar?

CATALINA — Casuso a vi eu estar...

AFFONSO — Naquelle outeiro?

CATALINA — A bem.

AFFONSO — Perguntou-te por alguem?

CATALINA — Por Joanne.

AFFONSO — Ora andar.
Por mi não perguntou nada?

CATALINA — Não.

AFFONSO — Raiva moida!

CATALINA — Por Joanne he ella perdida.

JOANNE — Está ella logo enganada.

(de longe)

INEZ — Catalina! hai Catalina!

Vem Inez, e diz:

AFFONSO — Venhas embora, Inez!

INEZ — Joanne, queres belotas?
Mais quero eu ás tuas botas
Qu'a dous Affonsos nem tres.

JOANNE — Oh Catalina!

CATALINA — Oh Fernando!

FERNANDO — Oh Madanella!

O ALFABETO DOS CAMPONESES

Poema anónimo no Século XVI

Nós não podemos aprender o alfabeto
Não sabemos ler nem escrever.

Lavar, cavar duramente
é a primeira lição
que nos ensinam de pais para filhos.

Podamos a vinha;
enxertamos os pés da uva;
o vinho que a gente produz não nos faz mal;
os outros é que o bebem, e nós só temos água.

As pessoas e as coisas têm que pagar impostos.
É preciso pagar o direito de existir.
Os cobradores de impostos, sempre à espreita,
até nos levam a cama.
Sem sapatos, sem calças, mal atacados com cordéis.
Andamos em farrapos. Toda a gente nos engana.
Somos sempre os primeiros a ser roubados.

Entretanto, o padre canta e faz a sua prédica
contra as coisas terrenas,
Mas, a cada momento, mete a mão na nossa bolsa.

Cevada, trigo, milho, centeio, semeamos as sementes para os outros, que se [divertem.

O pão que nós comemos é feito de farelos.

A guerra traz soldados que saqueiam os campos
e deixam depois as nossas mulheres prenhas.
Temos que abandonar tudo... e fugir.

As nossas cabanas são de palha, as nossas camas de fetos.
O estábulo dos animais é muito mais confortável.
É coisa conhecida; toda a gente sabe disto.
Será possível sofrer tanto como nós?

Devoramo-nos uns aos outros.
Gostávamos sinceramente de nos entendermos,
mas a miséria gera miséria da mesma maneira
que a riqueza atrai a riqueza.

É verdade que cheiramos mal, empestamos a terra toda.
Comemos alhos, alhos porros, farinha de milho.
Também somos mentirosos, concordo;
que seria da nossa vida se nem sequer pudéssemos
inventar histórias?

Nunca ninguém nos pediu a nossa opinião.
Rapazes e raparigas vivem como porcos.
Jovens ou velhos, estamos exaustos.
Quebrem-nos os rins como vos apetecer,
somos suficientemente teimosos para continuar a viver.

O nosso alfabeto de camponeses podia ficar por aqui
se não tivéssemos ainda algumas páginas para aprender;
aquelas que nos hão-de permitir mudar o mundo,
reduzir os nossos senhores e os seus castelos a cinzas,
por as tripas de fora ao usurário selvagem.